

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA

LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
(triumphi Ecclesiae) ... in Christo Jesu.

id. 13, 14.

GUIMARÃES 15 DE ABRIL DE 1886

A CRUZ!

 INCLINADOS diante d'essa cruz d'on-
de acaba de desprender-se o cor-
po de Jesus Christo, nós saudamos
os primeiros alvares da liber-
dade, da liberdade que foi
doadá a todos os homens por
Aquelle que nas imminencias do Calva-
rio morrera entre dois scelerados, ao
contrario do que succede com os que
hoje offercem a liberdade aos povos.
que só a decretam em meio de luzente
cortejo de generaes, só a impõem pela
força das bayonetas, ao estrondo melo-
nho de longas descargas de fusilaria.

Nós saudamos a liberdade que nos
vem da Cruz, porque nos foi doada por
um Deus, que sellava a carta de alfor-
ria que nos tornava livres, com o san-
gue que vertera desde Jerusalem té á
esplanada do Golgothia, e que nos entre-
gava por escudo contra a tyrannia a
propria Cruz que lhe fôra patibulo, e
que nos dava por egide o coração de
sua Mãe, despedaçado pela dôr, mas
prompta a acolher-nos a todos nas do-
bras do seu manto constelado.

Nós saudamos a liberdade que nos vem
da Cruz, porque nos foi legada pelo Na-
zareno, que viera á terra para nivelar
todas as raças, para elevar os pequenos
e humilhar os grandes, té fazer de to-
dos um punhado de irmãos, que se ajoel-
hassem á sombra do labaro santo, pharol
luminosissimo que não tem podido
apagar todos os embates do inferno, to-
das as hecatombes terrenas, todos os
desbordamentos das ondas sanguinarias
d'esse mar immenso da politica, que tem
aluido tudo, que tudo tem enterrado
no pó.

Nós saudamos a liberdade que nos vem
da Cruz, porque nos não foi dada pelos
soberbos imperadores, nem pelos sabios
legisladores da synagoga, nem pelos se-
nhores de milhões de escravos; mas por-
que nos foi offerxada pelo Filho de Deus,
pelo typo amoravel de todas as humil-
dades, por Aquelle que morria perdoan-
do, por Aquelle que alicerçára o edificio
da civilisação só com a sua palavra, e
que completára esse edificio magestoso
com a palavra de seus Apostolos, com a

abnegação dos seus Martyres, com a pu-
reza das suas Virgens, com a santidade
dos seus confessores, com a sciencia dos
seus anachoretas.

Nós saudamos a liberdade que nos
vem de Christo, porque foi Elle e só
Elle, que, ao expirar em meio do cynico
gargalhar das multidões da Judea, fazia
rasgar de alto a baixo o véu do templo,
e rasgava os horisontes das sciencias, das
artes, da industria, que mais tarde ha-
viam ser o emprego de toda a activida-
de humana. Porque foi Elle e só Elle que
fazendo eclipsar o astro rei, eclipsava
o poder dos despotas que passavam ovan-
tes por meio das multidões, que se affas-
tavam á sua passagem como rebanho de
cabras, temerosas de ficarem esmagadas
sob o peso do carro triumphante da ty-
rannia. Porque foi Elle e só Elle que,
partindo as rochas dos sepulchros, parti-
tia tambem os escudos nobiliarchicos das
grandezas da terra, cavava o sitio onde
se havia sumir a corôa dos Cezares, e
onde havia assentar os fundamentos do
reino da igualdade e da fraternidade.

Sim, nós saudamos a liberdade que
nos vem de Jesus, e da sua Cruz, por-
que foi ella, hasteando-se em meio da
corrupção que então carcomia os povos,
que partia as cadeias do escravo, sen-
tando-o ao lado do que fôra seu senhor;
abrindo as portas da vida e da civilisa-
ção á mulher, que até então fôra escri-
va, e escrava desgraçada, tornando-a a
companheira do homem em todas as ale-
grias e tristezas, elevando-a á alta di-
gnidade de presidente da familia, de edu-
cadora de seus filhos, de companheira do
homem com quem se ajoelhava no por-
tico do templo para serem abençoados
pelo ministro do sanctuario.

Salvê, Cruz do meu Senhor! Salvê,
liberdade que de ti nos vem! Salvê!
Porque tu não és a liberdade que se
apregou na França ao hymno da Mar-
selheza, em meio do vozear infrene de
um povo ebrio, que pedia sangue e a
cabeça dos reis; nem és a liberdade que
se impunha aos povos á ponta das bayo-
netas e ás descargas de fusilaria das es-
pingardas dos mercenarios do tyranno da
Corsega; nem és a liberdade que os Cza-
res da Russia impõem aos catholicos da
Polonia, apontando-lhe os gelos da Sibe-
ria e as masmorras da Croacia; nem és
a liberdade que desthrona a Divindade

para enthronisar a devassidão e todos os
crimes, na pessoa de uma prostituta des-
nudada; nem és a liberdade que arrasta
os povos aos comicios e ás greves, ás
barricadas e ao incendio, ao assassinio e
ao roubo, ao desrespeito da auctoridade
e á negação de Deus. Não, tu não és
essa liberdade, porque tu abraças todos
os povos como irmãos, ordenas a obe-
diencia ao Cezar, o respeito á proprie-
dade, o amparo dos infelizes, o amor ao
trabalho, e proclamas os direitos de to-
dos porque todos somos filhos de Jesus!

Saudem todos a Cruz e ajoelhem diante
d'esse quadro, que a nossa gravura re-
produz, devido ao pincel de Rubens,
admirando esse grupo formosissimo, for-
mado pelos primeiros apostolos da divi-
na palavra, e pelos primeiros anjos da
caridade, que se tem reproduzido até
hoje, atravez dezoito seculos, praticando
sempre todas as virtudes.

Deveramos escrever antes um artigo
descriptivo da gravura; mas, carece
acaso de descrever-se a nossa gravura
de hoje?

Ajoelhemos diante d'ella, e saudemos
a aurora da Redempção do genero hu-
mano.

A REDACÇÃO.

SECÇÃO RELIGIOSA

JESUS

perante Poncio Pilatos

Eis as palavras phari-
saicas: «Aohámol-o pre-
vertendo a nossa nação,
prohibindo o tributo de
Cesar, e proclamando-se
Christo Rei!»

LUC. c. XXIII, v. 2.

 SEXTA Feira da Paixão ficou sem-
pre um dia luctuoso, de mão
agoiro, e manchado d'anathema,
porque vira consummar-se o
maior flagicio d'orgulho e de in-
gratidão. Todas as scenas que
assignalam este dia sinistro merecem ser
lidas e relidas na propria narração dos
capitulos xxvi e xxvii de S. Matheus.

* * *

Em primeiro logar é o comparecimen-

to de Jesus Christo perante Pilatos, que apesar do seu scepticismo officioso revelado n'aquella palavra desoladora: «Que coisa é a verdade?» o governador romano começa por dizer em alta voz: «Nenhum motivo de condemnação acho n'este homem.»

Nem Herodes, nem Pilatos, os representantes da dominação romana, acharam coisa alguma de offensivo no procedimento de Jesus; e embora seja accusado pelos Principes dos Sacerdotes e pelos Escribas, circumstancia alguma que incorresse a pena de morte pôde ser approvada.

Que têm elles com a nova doutrina religiosa?!... O que têm a peito é unicamente o poder que haviam conquistado e ao qual se agarram com unhas e dentes. O que é evidente é que Jesus não é culpado e que deve ser solto; mas a razão politica exige que se faça alguma coisa pelos governados; pouco importa a justiça violada uma vez que venha a lucrar a influencia da auctoridade... Portanto, Pilatos manda açoutar Jesus innocente antes de o soltar.

Muitas vezes tem a razão politica obrigado a commetter-se crimes, e, de tempos a tempos, uns poucos de innocentes sacrificados pôde resolver muitos obstaculos!...

* * *

Em seguida, vem o segundo julgamento presidido pelo mesmo Pilatos, que, bem influenciado por sua mulher, a qual lhe mandara pedir com varias supplicas, que por fórma alguma manchasse as mãos na morte d'um justo, tentara salvar Jesus após o ter mandado açoutar.

«Se o soltas, Poncio, gritaram os Judeus, não és amigo de Cesar; pois aquelle que se faz rei, offende a Cesar!» E allucinada pelos Sacerdotes e Anciãos, a turba feroz e despotica prefere Barrábbas a Jesus.

Como poderia a turba reconhecer por senhor o filho d'um carpinteiro? Como conceber um rei vestido como toda a gente, um rei sem comitiva, nem guarda d'honra? Como aligurar-se o Messias soffrendo e immolado como victima, emfim?

* * *

Quatro vezes em seguida proclama o governador a innocencia do Homem-Deus, dizendo: «Pois que hei de fazer de Jesus, que se chama Christo?» O povo então enfurecido levanta o grito da condemnação: «Seja Crucificado.»

«Pois que mal tem elle feito?» repetiu Pilatos. «Seja Crucificado!» gritaram as turbas, levantando mais os brados.

«Hei de crucificar o vosso rei?» observou o governador, tentando desarmar os Judeus por meio da ironia. Mas responderam os Principes dos Sacerdotes com

hypocrisia: «Outro Rei não temos, senão a Cesar!» e redobrando em vozearias. As turbas clamavam sem cessar: «Crucifica-o, Crucifica-o!»

Immediatamente do alto da galeria do tribunal, Pilatos assustado e vacillante, lança a final sobre o povo a vergonha da iniquidade, dizendo: «Estou innocente no sangue d'este justo; vêde o que fazeis!»

«Caia sobre nós e nossos filhos o sangue d'elle!» respondeu o povo. Incurável delirio da paixão que condemna á mesma maldição o presente e o futuro: «Nós e nossos filhos.»

Assim, em vista dos clamores do povo, temendo expor-se a uma sedição, Pilatos não teve animo de resistir, e decidiu-se a satisfazer os desejos das turbas: a razão politica, que é uma cega, fallou-lhe mais alto que a sua consciencia: O Procurador de Tiberio abandona Jesus ao supplicio infamante da cruz!

E quantas auctoridades nao faziam ainda como Pilatos, em circumstancias eguaes! E a população que pedira a morte d'Aquelle que só havia pensado em alliviar-lhe os males, a miseria do povo, não obraria ainda do mesmo modo?!... Acaso não se deixaria ir por aquelles que se empenham para arrastal-a para um caminho de sangue?!...

Infelizes povos a quem a experiencia não tem aberto os olhos, nem os ouvidos!—E' por isso que tambem os teus males não cessarão nunca!

* * *

Assim Pilatos reunira em si todas as fraquezas e todas as vulgaridades da natureza humana.

Pilatos, esse sátrapa romano, é o typo ignominioso do qual a cobardia humana tem tirado muitos exemplares no decorrer dos tempos.

E' a sua criminoso fraqueza que fez derramar o sangue do não culpado! E desde esse dia funebre, como estigma indelevel, todos os seculos repetiram: «O Justo padeceu sob o poder de Poncio Pilatos.»

A plebe em tumulto enfureceu-se ao redor do Tribunal, mas o juiz não a devia escutar. «O vozeamento vão da população infrene, ha de desprezar-se, que peça a absolvição do culpado, quer exija a morte do innocente,» eis o que ordenava a lei ao Procurador de Roma.

Como a cumpriu? Condemnando o justo que já absolvera!

* * *

A execução aggravou-se mais com os ultrajes e as zombarias da soldadesca.

Se a auctoridade sacerdotal havia recebido o mais profundo golpe com a conspiração homicida dos sacerdotes e

dos anciãos do povo, a auctoridade civil não era menos rudemente menoscabada com a vergonhosa fraqueza do magistrado romano. Assim como no dia immediato á morte de Socratas, os athenienses se revoltavam contra si mesmos, ouvindo-se no theatro a proposito: «Um justo que condemnastes á morte!» assim tambem quando a justiça humana se pretende infallivel, a consciencia publica aponta-lhe o Calvario,—isto é, o supplicio do justo consummado sob a protecção das aguias romanas e sob a ordem d'um Pretor romano.

Poncio Pilatos desejava salvar Jesus porque o julgava innocente, mas o que o sátrapa desejou muito mais ainda foi conservar o seu credito e a sua propria popularidade. O cobarde egoista e desalmado está todo n'esta dupla resposta: «Crucifiquae-o vós. Eu não lhe acho crime.»

J. C. de Faria e Castro.

SECÇÃO SCIENTIFICA

O TABACO

§ Sobre a epigraphe—*le tabac*—, vimos em o numero 3 do 8.º anno d'um excellente hebdomadario parisiense, *l'Ami du clergé*, um esplendido artigo, cuja versão, por nos parecer da maior utilidade, vamos dar aos leitores do *Progresso Catholico*.

Estivemos meio resolvido a fazer-lhe algumas annotações; mas abrimos mão de tal parecer, reservando-nos para quando publicarmos um tractado *ex professo* sobre o tabaco, seus prestimos e damnos, trabalho que ora trazemos entre mãos. Por isso é que nos limitamos, por emquanto, á versão de *l'Ami du clergé*, a qual é do theor que se segue.

* * *

A proposito das manobras ministeriaes que empalmam despejadamente a modesta indemnidade dos nossos parochos e vice-parochos, indemnidade que os catholicos devem restabelecer pelo *Dinheiro do culto*, um assignante do *Univers* suggeria recentemente esta boa idéa ao seu jornal: «lembre-se aos catholicos, algum tanto esgotados por todas as obras que são obrigados a sustentar, que se abstenham d'ora ávante do tabaco e consagrem esta economia ao *Dinheiro do culto*».

E' certo que se chegaria, d'esta sorte, a um lindo orçamento voluntario. A despeza annual d'um fraco fumador é, pelo menos, de 100 francos (18\$000 reis). Sómente cem mil fumadores, que tivessem a coragem de praticar a boa acção aconselhada acima, forneceria a

somma redonda de dez milhões (mil e oitocentos contos de reis). Teriam juntamente o prazer de pregar uma bôa peça aos mandriões que vivem à tripa forra, os quaes cobram e comem um imposto annual de perto de 300 milhões (54.000.000\$000 reis!) sobre o tabaco consumido. Finalmente a saude, a intelligencia e propriedade publicas lucrariam com isso.

* * *

O doutor Mortain definiu assim o tabaco: «pó e aparas fedorentos, vindos do novo mundo para envenenar o antigo». E' quasi perfeitamente isso.

Este veneno foi inventado na America em 1492; foi transportado para a Europa sómente em 1560; mas quão longo caminho percorreu nos tres seculos seguintes! O tabaco está hoje em via de envenenar todos os povos, e particularmente os christãos e os musulmanos.

* * *

O principio nocivo contido no tabaco chama-se *nicotina*, do nome de M. Nicot, embaixador de França em Portugal no seculo dezasseis, o qual deu a conhecer em França a planta americana.

Ora a nicotina é um dos mais violentos venenos que se possam forjar: mata em dose d'algumas gotas.

Eis o effeito produzido por tres gotas de nicotina, depostas sobre uma incisão não sangrenta, feita no lado interior da côxa d'um cão maior: durante dois minutos, não parece que o animal experimente cousa alguma extraordinaria; passados dois minutos, a respiração accelera-se de golpe, e torna-se molesta, anciosa, difficil, e as pupillas dilatam-se; passados tres, o cão põe-se a girar sobre si mesmo, vacillando como na embriaguez, encosta-se ás paredes para não cair, e depois, escanchando-se, fica tranquillo e immovel; passados onze, grande agitação, expressão de soffrimento, concussões de côxas, vomitos continuos que transportam mucosidades esbranquiçadas; cada vomito é seguido d'um momento de sucego, mas o animal não se restabelece perfeitamente senão cinco quartos d'hora depois que a nicotina foi deposta sobre a incisão.

Ahi ficam os effeitos d'este veneno applicado ao exterior.

Uma só gota de nicotina, introduzida na bocca d'uma rã, mata-a n'um minuto.

O celebre poeta Santevil morreu por ter bebido um copo de vinho em que haviam mettido tabaco. — Advertencia aos farcistas d'aldêa, pois ha-os que estariam em risco de renovar tal facecia.

Cita-se um mancebo que, depois de fumar seguidamente dezeseite charutos, foi tomado de convulsões tetanicas, com dilatação enorme das pupillas, e esteve

a ponto de morrer n'estas convulsões. Dois mancebos, que haviam apostado a qual fumaria mais charutos, morreram em atrozes convulsões.

Tres creanças, cuja cabeça tinha sido untada com um unguento de tabaco, foram tambem tomadas de convulsões, e morreram ao cabo de vinte e quatro horas.

Referiam os jornaes, ha poucos annos, que um operario que tinha adormecido sobre um monte de tabaco, na fabrica de Paris, passara promptamente do somno á morte.

A nicotina, até mesmo com agua, produz uma impressão dolorosa nos labios, na lingua e na conjunctiva. Este veneno introduz-se com a maior rapidez no sangue, e mata em quantidade quasi imperceptivel.

O tabaco fumado, cujo uso se torna universal, é um dos grandes inimigos da saude publica; é preciso dizel-o bem alto.

Quem ignora que aquelles que começam a fumar soffrem nauseas, males de coração, vomitos? O veneno manifesta-se pelas desordens que produz. O fumador novo, impellido por uma phylaudia das mais mal entendidas, persiste: os symptomas d'envenenamento desaparecem. Do cigarro passa á cigarrilha. da cigarrilha ao charuto. Muito bem. Mas a pallidez do rosto, a magreza que sobievem dão novas advertencias. A nutrição não se effectua tão bem, o sangue cai em pobreza; a vivacidade do espirito enfraquece paulatinamente, o entendimento só a custo se aclara a través d'essas fumaças perniciosas, e á leve excitação do principio succede um entorpecimento phisico e moral, que vem a ser o signal distinctivo dos fumadores de profissão.

Tem-se notado ultimamente que os premiados da nossa Escola polytechnica fazem pouco caso da planta de Nicot; ao passo que são fumadores a maior parte dos seus fructos sêccos, isto é, os que ficam reprovados. (Reprovados! horrível palavra é esta, cujo som já o nosso Epico dizia ser «horrendo, fero, ingente, e temeroso»!)

Ha certamente fumadores que, por excepção, gozam d'uma especie de immunidad, pelo que podem congratular-se.

Certamente que os symptomas mais assustadores só apparecem quando ha excesso no consumo do tabaco; mas poder-se-ha dizer que o tabaco é innocente, ainda mesmo tomado em pequena quantidade, depois de vermos os effeitos que produz quando se abusa d'elle?

O envenenamento é menor, não produz desordens tão graves, eis tudo; mas não é menos real.

Os medicos citam factos assustadores a este respeito. Têm provado que o ta-

baco é o principio d'uma multidão de doencas desconhecidas ou quasi desconhecidas outr'ora: a angina de peito, que causa suffocações dolorosas, e algumas vezes mortaes; a aneuria cerebral ou enfraquecimento da actividade do cerebro, que produz a diminuição, e algumas vezes a perda, da memoria; affecções mentaes complicadas de paralysisia; doencas da espinhal-medulla, etc. etc.

A pitada excita menos desordens, porque a quantidade é menos consideravel; mas faz perder a sensibilidade á pituitaria, e pode causar outros inconvenientes: pondo de parte a sordidez.

* * *

Acaso quer isto dizer que o tabaco só tem inconvenientes, e nenhuma utilidade? Não, isso seria exagerado.

O tabaco fumado é util aos que trabalham em meios humidos (os marinheiros, os mineiros, os desaguardos); excitando a secreção do succo gastrico assim como a da saliva, é favoravel á digestão nos casos de demasiada repleção do estomago; é, no dizer d'um gracejador, indispensavel depois d'um jantar de notarios. Só o privilegio de preservar dos males de dentes era uma razão bem forte para não se proscriver absolutamente.

O uso moderado da tabaqueira é muitas vezes aconselhado pelos medicos em certas especies de hemicranias ou certas obstrucções. Posto que o seu abuso produza mau effeito, não auctorisa os seus detractores apaixonados a tratal-o sempre de embrutecedor: os homens de estudo, os sabios e os maiores genios tem quasi todos feito uso da boceta.

Napoleão I—de quem não sou apolo-gista, mas que não era nenhum sandeo tinha sempre, segundo diz a historia anedoctica, os dois bolsos do collête, forrados de coiro para este uso, cheios de rapé.

Já lestes os quatro volumes da *Correspondencia* de Luiz Veillot? Certamente, pois que eu não vos faria a offensa de pensar que não conheceis a mais bella obra do nosso seculo. N'esse caso, sabeis quaes eram as queixas do grande escriptor a sua irmã, quando ella havia esquecido metter a provisão de bom tabaco na mala do viajante.

* * *

Demos ao que precede uma conclusão pratica.

Usemos da nossa influencia para impedir a attracção do tabaco, para preservar principalmente as creanças do mau habito de fumar.

Todas as manhãs, para me transportar, do arrabalde em que residio, a Paris onde trabalho, tomo o mesmo trem que conduz os meninos leigos ás suas

escolas: cada um d'elles *tosta* dois ou tres cigarros no seu quarto d'hora de locomotiva. Estas pobres creanças rachiticas, pela pallidez do rosto, pela voz já rouquenha, pelos olhos encovados, pisados e molhados, chorando e escarrando as suas fumaças, inspiram verdadeiramente dó! (Faltou dizer, com o nosso epico, que estas creanças têm

«Os olhos encovados, e a postura Medonha e má, e a côr terrena e pallida; Cheios de terra, e crespos os cabellos, A bôca negra, os dentes amarellos.»

Repito, usemos de toda a nossa influencia para impedir, sobre tudo entre as creanças e os mancebos, o mau habito do tabaco.

Excitemos aquelles que infelizmente já o têm arraigado a proporem-se algumas regras, cuja infracção escrupolissim. Prefira o fumador, por exemplo, o charuto (mas nunca muito curto ou muito velho) á cigarrilha, e a cigarrilha ao cigarro; não queime jamais além de 15 a 25 grammas de tabaco por dia; não fume nem em jejum nem depois da ultima refeição.

Mas d'ahi a supprimir inteiramente o tabaco áquelles que o usam ha 20, 30 ou 40 annos, ha toda a espessura d'uma grande ridiculez; haveria até perigo em fazel-o.

Não disse Hippocrates que é perigo supprimir um habito velho, ainda mesmo que seja mau?

Os Annaes da medicina têm registrado numerosas observações de individuos que, por sacrificio voluntario ou forçado, foram victimas da suppressão subitanea e completa do tabaco.

Lembro-me d'um meu professor que quiz acabar com um habito já longo da tabaqueira: ganhou com isso hemorroidas; tratou e fel-as passar: ganhou a morte.

O *Lyon médical* referia-nos, ha alguns annos, a historia d'um homem que padecia de diabetes. «Com isso morre-se», dizia Dupuytren. Todos os dias o diabetico dava um passo para o cemiterio, quando o seu medico, julgando ter encontrado a causa do mal na suppressão repentina do uso immoderado do tabaco, ordenou immediatamente a continuação d'elle nas mesmas proporções. D'alli a pouco, a vida voltou e a cura foi prompta e completa.

Ha principalmente um homem que, em verdade, não pode abster-se da sua tabaqueira: é o padre. Chamado diariamente para applicar a bocca ao ouvido d'um moribundo, que chega algumas vezes a vomitar os excrementos, ou para respirar durante horas inteiras, a través d'uma grade de pau, todas as castas de cheiros, cheiro de roupa suja, de vinho, de alho, de halitos fedorentos, querer-se-hia privar este homem da

sua tabaqueira?!... Isso seria mais do que crueldade!

Ouvi dizer a um meu amigo, medico: «se alguma cousa me admira, não é que um padre cheire, mas é que se encontre um só que não cheire». Não sou padre e applaudi.

* * *

Não sou padre, mas, acabo de me descobrir, sou... cheirista, e para revocar as idéas e escrever o que precede, tomei mais de uma. Se o predicado que estas columnas têm é bom, é porque o que a tabaqueira tem é bom. Se ellas são absolutamente más, é que não ha idéas na tabaqueira.

Ponderai, caros collegas na bocêta, que o meu artigo, fructo da tabaqueira, se bom, desculpa-vos, se mau, culpavos. Depois d'isso, estou bem certo de que o achareis excellente.

Galafura.

Albano Vicente Lopes.

SECÇÃO HISTORICA

D. Francisco de Castro Inquisidor Geral

ESTUDO HISTORICO

III

UREMOS ter dito, nos dous artigos precedentes, o quanto é bastantepara bem se avaliar a accusação de que foi arguido D. Francisco de Castro em 1641, de entrar na conjuração contra el-rei D. João iv.

Concluindo este trabalho, pouco mais accrescentaremos ao que deixamos dito; citaremos apenas alguns testemunhos que comprovam a innocencia do referido Prelado, e mostram a injustiça com que geralmente procedem n'esta parte os autores da historia de Portugal.

Elles dão por certo um facto que pelo menos é duvidoso, e que razões fortissimas nos obrigam a qualificar-o de falso.

Não todos os historiadores, felizmente; porque, como já indicamos, respeitaveis auctores do seu tempo e posteriores declaram a innocencia do inquisidor geral e accentuam as suas relevantes virtudes; entre outros, citaremos o padre João de Mattos, da Companhia de Jesus, D. Antonio Caetano de Sousa, Diogo Barbosa Machado, o auctor do *Anno Historico* e outros.

O testemunho d'estes escriptores não deverá ser preferido, ou ao menos equiparado ao de tantos outros, alguns dos quaes são bastante suspeitos na materia, e em todo o caso não apresentam razões convincentes da sua affirmativa?

Porquanto é certo que do rigoroso exame, com que foi julgada a causa de D. Francisco de Castro, não resultou a menor culpa, antes se demonstrou a falsidade da accusação.

Escutemos, porem, o que diz um auctor notavel d'aquelle tempo, que tanto figurou nos reinados de D. João iv, D. Allonso vi e D. Pedro ii. E' este o grande estadista, militar e escriptor, D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira.

Na sua *Historia de Portugal Restaurado* conta elle minuciosamente tudo o que se passou com a descoberta da conjuração, prisão e sentença dos conjurados, e refere extensamente as respostas que deram o Arcebispo de Braga e o inquisidor geral.

O primeiro confessou claramente o crime commettido, o segundo negou que n'elle tivesse a menor cumplicidade.

Segundo o conde da Ericeira, D. Francisco de Castro escreveu da sua prisão tres cartas a el-rei D. João iv, nas quaes lhe expunha tudo o que se passara com elle desde o dia da aclamação de Sua Magestade

Declarava o inquisidor que era verdade ter sido por varias vezes convidado pelo Arcebispo de Braga para entrar na conjuração contra el-rei e enthronisar de novo o governo de Castella, mas que de todas as vezes se mostrara contrario a semelhante ideia, estranhando a pratica do Arcebispo.

N'uma das cartas diz expressamente: «Que no seu animo nunca entrara a mais leve tenção de desservir a Sua Magestade, e que havendo quem dissesse o contrario, era falso; e que só se lhe offerecia que, entendendo do Arcebispo de Braga o descontentamento, com que vivia do estado presente, e quanto suspirava pelo governo de Castella, lhe estranhara algumas vezes esta pratica, e a ultima vez fôra no domingo, 26 de mez de julho; e que, se deixara de referir a Sua Magestade o que entendera do Arcebispo, fôra por lhe parecer que aquellas razões não tinham entidade, nem dispunham algum fim.»

Depois nas perguntas a que foi submettido o inquisidor geral, em nada alterou nem accrescentou ao que havia escripto nas cartas a el-rei.

D'aqui se vê que é falso o que alguns pretendem, a saber, que o inquisidor geral escrevera a el-rei confessando o seu crime, expondo-lhe as causas que o determinaram a adherir á conjuração e pedindo que lhe perdoasse.

Emquanto ao Arcebispo de Braga, é isso verdade, mas não pelo que diz respeito a D. Francisco de Castro, que se defendeu plenamente do crime de traição.

Alem d'isso, convem notar que D. Sebastião de Mattos e Noronha, Arcebispo de Braga, ao passo que confessou a sua culpa, e procurou envolver outros no

seu crime, em nada condemnou o inquisidor geral, nem contradisse o seu depoimento.

Finalmente, diz o conde da Ericeira que, examinadas as culpas de todos os cúmplices, além dos que foram executados, se acharam innocentes, sendo soltos uns immediatamente, outros passados tempos.

Muito poucos historiadores narram estas circumstancias, que, todavia, dão grande luz para se entrar no conhecimento da parte que na conjuração tomou D. Francisco de Castro.

Citaremos agora o valioso testemunho do celebre theatino D. Antonio Gaetano de Souza.

Na sua *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*, depois de dizer que D. Francisco de Castro governou com prudencia e vigilancia a diocese da Guarda, e que exerceu o logar de inquisidor geral com auctoridade, zelo e respeito, sendo um dos mais benemeritos que occuparam aquella dignidade, conclue da maneira seguinte:

«Os seus emulos o quizeram infamar de pouco fiel ao seu reino; e sendo preso, o tempo logo mostrou qual era o seu amor á patria e ao rei natural, pois não podia degenerar do alto nascimento que o encherá das mais honradas ideias, e foi restituído aos seus logares, que serviu até á morte.»

Por ultimo apresentaremos o testemunho não menos auctorizado do insigne academico e bibliophilo Diogo Barbosa Machado.

Eis o que elle diz na sua *Bibliotheca Lusitana*:

«A fidelidade que elle (D. Francisco de Castro, inquisidor geral) sempre observou incorrupta para com o seu principe, foi rigorosamente examinada pela malevolencia de seus emulos, dos quaes sahiu triumphante a 5 de febreiro de 1643.»

De todos estes testemunhos se collige a innocencia do inquisidor geral, falsamente accusado de entrar na conjuração contra D. João iv.

A sua memoria foi logo rehabilitada na opinião publica; e assim vemos que os escriptores mais conspicios do nosso reino são os primeiros a reconhecer e a confessar a fidelidade do Prelado.

Ao Arcebispo de Braga, ninguem ha que defenda, nem é possivel essa defesa, porque o seu crime foi plenamente provado, e, além d'isso, elle proprio o confessou.

Mas emquanto ao inquisidor geral, o caso é muito differente: provou-se a sua fidelidade a el-rei, a falsidade da accusação, sendo restituído aos seus empregos que possuiu até á sua morte, succedida dez annos depois.

Em consequencia d'isto, com que fundamento vem nas historias de Portugal

o nome de D. Francisco de Castro incluído na lista dos conjurados contra el-rei D. João iv, como se fosse um facto evidente?

Nada mais temos a dizer.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

QUE TAL!

DECLAROU o presente Ministro dos negocios estrangeiros no gabinete *italiano*, que «a politica italiana era a politica *degli interessi*, não ligada nem por *sentimentos* nem por *principios*» e assim ninguem a podia defenir melhor, pois que é certo que contra os *Sentimentos* e contra os *Principios* tem sido e é *aquella politica*, e a propria confirmação do alludido Ministro só por si é bastante para fazer prova *juris et jure* como dizem os juriconsultos para affirmar *prova-provada*. A que ponto tem chegado as cousas para que um *Ministro da corda* possa fazer e se resolva a fazer publica uma tal asserção que em si é toda verdadeira, e com o cortejo dos factos sem *sentimentos* e sem *principios* que formam a *Historia do Reino de Italia* e *ab ovo* até á *invasão* de Roma, e desde tal *invasão* até agora.

Com a triste e escandalosamente exacta asserção do Ministro de Sua Magestade Humberto casa-se *adquadissimamente* outra asserção não menos ou se é possivel mais escandalosa, a do Deputado Bosdasi, que em sessão de 23 de janeiro de 1885 ousou dizer que «o *Grande Inimigo* era o *Vaticano*» e assim o Papa ou pelo menos *incluindo o Papa!*

Vê-se pois, que as duas asserções não podiam ser feitas *melhor* pelo Diabo! Se no Inferno podesse haver fogos além do *fogo punidor* por certo tinha *ld* havido luminarias em honra do *Ministro* e do *Deputado*. E' possivel que o *Ministro* dissesse o que disse no sentido de verdadeira critica, com criterio de verdade, o que salvará o *Ministro* mas deixa em pé toda a verdade da *asserção* com a importancia de ser feita por um homem *n'aquelle lugar*. Que se pôde esperar de um Governo sem *sentimentos* e sem *principios* além do que tem sido a *vida* do *Governo italiano*? este tem obrado conforme a defeciencia e á defeciencia dos dous especeficados *elementos*, e assim excede o que a *Historia* narra em *defeciencia moral*.

Os homens e Governos rebeldes aos Principios Eternos e em si-mesmos *desnaturados* tem sempre ao menos invocado os *seus principios* e os *seus sentimentos*; porem carencia absoluta de *sentimentos* e *principios* é uma novidade,

é a *vida* do *Governo italiano*, que teria sido agora denunciada por um Ministro do mesmo *adjectivo*, se não fôra já de todos conhecida. Quanto a Bosdasi, Deputado, ficou elle só atrás do *dito impio de Voltaire*, e igualou ou excedeu este em apresentar como *inimigo da Italia* o maior e incomparavel «*Amigo*» de aquella Peninsula; foi tão monstruosa a asserção de Bosdasi que da bocca de revolucionarios sahiu-lhe o protesto e basta que nos lembre o que escreveu a *Perseveranza* de Milão, que não é a *Unità Cattolica* campeão Catholico. E fallam de *garantias legisladas* pelo Parlamento e *Governo italiano* a favor do Papa! O Papa nunca as aceitou porque as não podia aceitar sem trair a Missão que recebeu de Deos; mas, se as podesse aceitar, que segurança podiam ter por parte de um Governo sem *sentimentos* nem *principios* como declarou o actual Ministro dos negocios estrangeiros no Gabinete *italiano*, e acima já dissemos? *Tal asserção* é um notabillissimo testemunho da verdade, justiça e razão, com que o Papa se tem havido em face da *Revolução* e da *Revolução na Italia*—*Justitia ex inimicis nostris!* sim, obriga Deos os injustos a renderem homenagem á Justiça! Epocha fecunda é esta, em que as *enormes injustiças* sam *ab Alto* confundidas e obrigadas a por si-mesmas darem testemunho estupendo da Justiça! Houve quem nos dissesse em Roma, que tinha ido lá para *ver o ultimo dos Papas*; Pio ix passou santamente á Eternidade, e Leão xiii tem a vida e a vitalidade de S. Pedro, como todos os Successores do Primeiro Papa até hoje e até ao ultimo de «*Elles*.» *Cegueira* houve-a com o primeiro peccado e mais ou menos de *então para cá*; houve-a já maior que nos *tempos actuaes*? antes nunca foi dito: os *cegos veem* e sam os que *veem mais*; este paradoxo é a *essencia do seculo das luzes!* Com os loucos não se argumenta, com os impios *usam-se os esforços para a sua conversão a Deos!*

Dom Antonio de Almeida.

Os missionarios em Barcellos

NA pagina 113 do «Progresso Catholico», disse eu, sob esta mesma epigraphe, aos gazeteiros de Barcellos, inimigos dos missionarios, o seguinte:

Logo que a *missão da freguezia da Graça* seja a *causa d'alguma monomania religiosa* ser-lhes-ha tudo *participado*. Vão preparando os sinos para tocarem a rebate, e previnem tambem o republicano *Consiglieri Pedroso* para estar de *larynge desimpedida* na *camara dos deputados*.

Não sei se os republicos de Barcellos prepararam os sinos, nem se preveniram o irmão Consiglieri Pedroso. Se taes cousas fizeram, foi tempo perdido. Nem tocaram os sinos, nem *dita falla* nas camaras o snr. Consiglieri.

Querem ver, snrs. gazeteiros?
Vá lá; vejam bem.

«Só não quer missões quem não conhece o saboroso fructo que d'ellas se colhe, e quem não quer conseguir a bemaventurança eterna.

Todos os bons filhos da Santa Igreja as applaudem, as desejam e estimam, porque todos elles querem a paz da consciencia, todos elles anseiam saber qual o caminho mais seguro que, no meio d'este mar tão encapellado, proceloso e medonho, os conduzirá ao porto de salvamento, a gosar eternamente a face do seu Creador, de Deus que se fez homem, e que, como homem, soffreu as maiores affrontas e ultrages, chegando a derramar, nos braços da Cruz, todo o seu preciosissimo sangue para abrir as portas do céu á humanidade inteira.

Veja-se quem levanta calumnias aos missionarios; observe-se quem lhes dirige insultos: note-se quem guereia as missões, e logo se descobrirá a fonte d'onde nasce tanto odio, tanto desprezo, tanto escarneo, tanto insulto, tanta guerra aos missionarios catholicos.

Homens sem fé, sem esperanza, sem caridade, entregues aos prazeres sensuaes, inimigos da virtude, homens, em fim, *só materia*, eis a origem de todo o mal, de tudo o que se inventa e diz contra as missões, contra a palavra do Salvador Divino.

Coitados d'estes homens sem fé e sem temor de Deus! Esfalfam-se, deitam os bofes pela bocca fóra berrando contra os missionarios, como fizeram, ha pouco, em Barcellos, e, apesar d'isso, não estorvam nem jamais estorvarão os passos dos verdadeiros apóstolos de Jesus na formosa estrada da evangelisação dos povos.

Eles, os valorosos athletas do Martyr Divino, não desanimam diante das setas que lhes são arremessadas pela soldadesca satanica, antes trabalham com mais prazer e coragem no ensinamento das verdades eternas!

Que diga Barcellos se isto é ou não assim.

Mas se alguém, como os espiritos fortes de Barcellos, aborrece os missionarios, não acontece o mesmo com as pessoas que têm fé e um bocadinho de senso. Estas recebem-n'os com todo o jubilo, bendizem o momento em que elles principiam a missão, e derramam muitas e muitas lagrimas no dia em que os apóstolos da verdade a terminem, no dia em que se despedem.

Foi o que succedeu na freguezia de Padim da Graça, do concelho de Braga. Ha muito que o snr. Abbade d'aquella freguezia pedira para ali uma missão aos rev.^{mos} snrs. Padres Varatojanos, a qual lhe havia sido promettida.

O cumprimento da promessa foi-se demorando a ponto de alguém dizer que o snr. Abbade tinha illudido o povo relativamente á missão, que tudo o que havia dito não passava de poeira deitada aos olhos do rebanho que a Providencia lhe confiara.

Porém, graças ao céu, no dia 26 de Fevereiro, os ill.^{mos} e rev.^{mos} snrs. Fr. Domingos dos Corações de Jesus e Maria, e Fr. Manoel das Cinco Chagas, deixaram uma nobre casa da cidade de Braga, onde se achavam hospedados, e dirigiram-se, a pé, para a freguezia da Graça, distante 6 kilometros da Roma Portugueza, freguezia onde, segundo dizem os seus habitantes, não ha memoria de que recebesse missão alguma.

Estes virtuosos, sabios e distinctos missionarios iam pois ali satisfazer o promettido, saciando assim o vehemente desejo do snr. Abbade da freguezia e de outras pessoas que aguardavam tão alta mercê de Deus.

Vejamos:

A missão foi aberta no dia 28 de Fevereiro pelo rev.^{mo} snr. Fr. Manoel das Cinco Chagas que, subindo ao pulpito logo que bateram 3 horas da tarde, e recolhendo para thema do seu magnifico sermão as palavras do Evangelho—*Beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud*—mostrou do modo mais cathorico a grande necessidade que todos têm de escutar a palavra divina, e como devia ser por todos escutada para d'ella se colher abundante fructo.

No dia seguinte, e á mesma hora, prégo o snr. Fr. Domingos sobre a misericordia de Deus, e no dia 2 de Março prégo o snr. Fr. Manoel sobre o peccado.

Nos tres primeiros dias houve apenas sermão da parte de tarde.

Principiaram depois as praticas da parte de manhã e as confissões.

A ordem que aquelles angelicos missionarios seguiram, relativamente ás praticas e sermões, foi esta: Nas terças feiras, quintas e domingos, havia sermão de tarde; nas segundas-feiras, quartas, sabbados e tambem domingos, havia pratica, de manhã. O missionario que fizesse o sermão, de tarde, no dia seguinte fazia tambem a pratica, de manhã. D'esta maneira ambos faziam praticas e sermões.

A cerca das confissões, se, por exemplo, o snr. Fr. Manoel confessava hoje mulheres, amanhã confessava homens, indo o snr. Fr. Domingos confessar mulheres. Em tudo houve, pois, a melhor ordem.

A voz sonora dos dois missionarios, os seus gestos, os vivos exemplos de que se serviam, as bellas e a proposito das comparações que apresentavam nos seus sermões e praticas para que todos os ouvintes ficassem bem esclarecidos sobre as verdades do Evangelho, tudo isto attrahia, convidava a ouvir a palavra divina. Tanto o snr. Fr. Domingos, como o snr. Fr. Manoel, mostraram bem o seu muito estudo, os grandes conhecimentos que possuem.

Quem ouviu o sempre chorado e nunca esquecido orador sagrado Padre Radamacker, e ouvir o snr. Fr. Manoel, não pôde deixar de dizer:—levou Deus para o ceo o Padre Radamacker, mas deixou-nos na terra, no pulpito, quem bem nol-o recorda—o snr. Fr. Manoel das Cinco Chagas. Este, assim como fazia o Padre Radamacker, ora faz vir o sorriso aos labios com os seus *apartes*, com os *castinhos* que conta, ora faz, no mesmo sermão ou pratica, derramar copiosas lagrimas.

(Por falta de espaço continua no proximo n.º).

Um leitor do «Primeiro de Janeiro».

Os jornaes de dez réis!

 *Seculo*, folha diaria, que se espalha pelas mãos dos garotos na capital do reino, e que se diz republicana, e por tanto amiga da *igualdade, liberdade e fraternidade*, publicava ha dias o seguinte, que nós com summo prazer, tambem publicamos:

«Depara-se-nos no *Jornal do Commercio* o seguinte que muito gostosamente registamos, como bom exemplo que é para ser seguido em todos os grandes centros de população:

«... vémos um humilde presbytero, falho de recursos, mas opulento de boa vontade lançar (no Porto) as bases de uma instituição social utilissima, e sustentada á custa de uma constante propaganda, e com os esforços ininterrompidos de uma vontade inquebrantavel. Referimo-nos á officina de S. José, que o padre Sebastião Leite de Vasconcellos fundou em 1880.

Ideada a empresa, mas confuso e mal delineado ainda o plano, por duas vezes o benemerito sacerdote saiu do paiz, percorrendo grande parte da Europa, com o fim de estudar praticamente a organisação das casas de trabalho para rapazes abandonados, que pretendia fundar. Feito este estudo, assentou definitivamente o traço da obra preferindo entre todos os modos de organisação o que applicara João Bosco na Italia e na França; e, regressando ao reino, desde logo alugou casa, para estabelecer a sua offi-



O DESCIMENTO DA CRUZ

CÓPIA DE UM QUADRO DE RUBENS

cina de S. José, installando-a com oito miseraveis rapazes, aos quaes sustentava e ensinava, com mestres alli domiciliados, os officios de alfaiate e de sapateiro, e logo em seguida o de carpinteiro.

Tres mezes depois, graças à boa direcção e organização do trabalho, os uniformes e o calçado dos aprendizes era já obra d'elles.

Obtido este primeiro notavel resultado, entendeu o fundador da officina de S. José que não era ainda bastante evangelico o intuito da sua obra: dar um modo de vida aos desvalidos da fortuna, arrancar à vadiagem os garotos das ruas, sustental-os durante a aprendizagem, e fornecer-lhes armas para as luctas da vida era muito já, mas o benemerito sacerdote queria ainda mais. E, no seu proposito de aperfeiçoamento da instituição que creara, procurava nas cadeias da Relação os rapazes ali reclusos por haver commettido qualquer delicto, e quando soltos, recolhia-os ao amparo da sua officina.

Alguns d'esses infelizes, stigmatizados nos registos da policia com a nota de incorrigiveis, regeneraram-se completamente, sendo hoje um d'elles, em virtude do seu comportamento exemplar, contra-mestre sapateiro na officina de S. José. Exemplos numerosos e analogamente edificantes se apontam n'uma memoria, que sobre a citada officina ha pouco se publicou.

Sem fundo proprio, sem recursos assegurados, tem-se sustentado aquella sympathica instituição à custa do producto do trabalho dos educandos, e sobretudo pelo esforço caritativo do seu fundador, que a ella applica a maxima parte dos proventos do cargo que exerce na camara ecclesiastica do Porto, e do estipendio recebido pelos sermões que prega nas solemnidades religiosas. Agora, porém, a solicitude do publico, despertada por tão benemerita obra, tem-se affirmado, affluindo as esmolas avulsas e inscrevendo-se como protectores de subsidio permanente varias pessoas.

Conta actualmente a officina de S. José 25 educandos, rendendo já os trabalhos d'elles tres contos e quatrocentos mil réis. Ha um deficit ainda importante, supprido com os recursos indicados, sendo possivel, porém, que dentro de curto periodo sejam dispensados os sacrificios pecuniarios do seu fundador, ao qual basta a gloria de lançar à terra tão boa semente e de havel-a ajudado cuidadosamente a fructificar.

A boa fama de que gosa a officina de S. José chegou já a esta cidade, tendo ido ao Porto o Sr. Boavida estudar a sua organização, com o fim de implantar nas nossas possessões africanas, segundo ouvimos, iguaes instituições. Não são porem apenas na Africa necessarias, uteis e indispensaveis casas de trabalho

montadas segundo o modelo da officina de S. José, por igual ou mais ainda: são em Portugal, carecido quasi totalmente de instituições destinadas a amparar os menores, a desvial-os das attracções da vadiagem e do vicio, ministrando-lhes conjunctamente os meios de poderem vencer honrosamente as difficuldades da vida. Remediar é bom, mas prevenir é melhor, diz com fundado motivo o rifão popular. As casas de correcção teem indubitavelmente a sua razão de ser: preferimos-lhe comtudo as Officinas de S. José.»

A' vista d'esta transcripção, que o jornal das ruas e dos clubs faz, é de crer que os nossos leitores fiquem a olhar com bons olhos para o *Seculo*, e a mal-dizer quem nas paginas do *Progresso Catholico* o tem accusado de impio e inimigo da religião de Jesus Christo; mas como o *Seculo* não é capaz de deixar fazer d'elle mau juizo, depois da transcripção, que nós tambem fazemos, acrescenta:

«E' digna do maior louvor a iniciativa do sr. Sebastião Leite de Vasconcellos e registando os resultados que logrou colher, devido a sua perseverança, cumprimos um dever de justiça. Desejariamos que este instituto fundado no Porto, fosse antes devido à iniciativa de individuos sem preoccupações religiosas e fosse tambem dirigido por quem estivesse livre d'essa pécha, para que o jesuitismo o não podesse empolgar e transformar em instrumento da sua propaganda odienta e odiosa. Comtudo não hesitamos em dizer que um tal exemplo é por todos os motivos honroso para quem o deu, sendo tambem utilissimo pelos resultados que produziu e deve produzir.

Lisboa precisa de adoptar a iniciativa que brilhantemente está fructificando no Porto. Será esse o unico meio de evitar que um grande numero de menores va perder-se na voragem do crime.

Não regateamos applausos a quem dignamente realizar aqui esta ideia.»

Não carece de commentario. O *Seculo*, no que ahi deixamos transcripto, mostra bem as suas leaes intenções, e por tanto não lhe acrescentaremos nada. Só pedimos a nossos leitores que avaliem tudo isso.

Cá está a *Discussão!* quem quer a *Discussão?* E' este o grito que se escuta por terras do norte de Portugal, à chegada dos comboyos. E, a final que ven de a *Discussão* por dez réis? Sandices, phrases agarotadas, insultos arreeirados, discussão da praça publica, da regateira reles. E' isto o que dá a *Discussão*, e se não vejamos.

Porque o R.ºo Parocho do Bomfim, no Porto, se não prestou a passar um at-

testado, de graça, rompe a tal *Discussão* n'este triste disparatar:

«Decididamente este repugnantissimo tonsurado nasceu para dar brado e para ser a vergonha da freguezia que o tolera e do cardeal-bispo que o protege e consente com poderes espirituaes um masmarro de tal força.

.....
O masmarro, pelos modos, queria principiar o jejum da quaresma com alguma orgia, para a qual lhe faltavam os cobres e por isso entendeu dever fazer a absurda exigencia que deixamos relatada.

Decididamente este padre, este cura, este Gaspar, entende que está pastoreando uma freguezia de selvagens.»

E então, que nos dizem, é ou não é a linguagem da regateira, do moço de recados malcreado, essa linguagem empregada pelo papelucho das ruas? E diz que o digno cura entende que está pastoreando uma freguezia de selvagens! A *Discussão* é que julga que escreve para um povo selvagem, porque se assim não julgasse seria, pelo menos, mais bem educada.

Não falte a recommendação — jornaes de dez réis, rua com elles.

A' tesoura cortamos do *Primeiro de Janeiro*, para lhe não tirar o *chiste*, a noticia que vae ler-se, que é, diga-se a verdade, de uma importancia pasmosa:

«*Alienação mental*—Ao sr. administrador do concelho de Bouças foi enviado ante-hontem pelo commissariado da 2.ª divisão um pobre rapaz de nome Ventura da Costa Gomes, que dá indicios de alienação mental.»

Coitado do pobre rapaz! Quem nos dera saber a causa de tal desgraça! Mas como sabel-a se o *Primeiro* o não diz?

O pobre do pequeno teria ido a Barcellos ouvir os *Jesuítas do Varatojo?*

Quem sabe o que o pobre rapaz ouviu!

O *Primeiro de Janeiro* quer vêr se pega a moda das *alienações mentaes*, e por isso as annuncia, mal pensando que muitos irão para a casa dos doidos pelo facto de serem leitores dos *Janeiros* e tardeiros de dez réis!

Os jornaes de dez réis, digam o que quizerem os seus inimigos, são uns verdadeiros *apostolos* da liberdade e da civilização dos povos.

A *Folha Nova* botava-se ao liberalismo, n'um artigo de fundo, com todo o rancor de que é capaz um socialista. Acha pouco todo o quadro de ruinas e miserias estendido em nossa patria pelo liberalismo, e por isso berra contra elle, dizendo:

«Esperar que um rei, ou um papa queiram representar um papel adequado à nossa civilização democratica, é confundir o clericalismo com a philosophia,

as tradições apostolicas com as aspirações ardentes, entusiastas, subversivas dos povos progressistas. A revolução, ao contrario, do que por este termo entendem os vossos liberaes é a guerra activa, contra todo o principio de auctoridade, contra todas as theocracias, contra todas as aristocracias, contra todas as realidades.»

Isto sim, que é fallar sem papas na bocca, e para não andar a intrujar a gente! Nós já sabiamos que era este o liberalismo puro, porque o padre Ramiere, aquelle polemista impagavel bem nol-o mostrou na sua obra immortál — *O Liberalismo Desmascarado*, que um vimaranense traduziu, ampliou e annotou, e que a livraria Teixeira de Freitas editou, e com bom exito, pois me parece estar quasi esgotada. Foi assim, tal qual como o faz a *Folha Nova*, que o sabio Ramiere nos mostrou o liberalismo. Quem nos dera que todos leiam esta obra do sabio jesuita, que não seria necessario lèr a *Folha Nova!*

Mas como se consente que se publique, e se venda pelas ruas um jornal com taes idéas! E são assim quasi todas as luminarias da civilisação petroleira!

Gautella com elles, chefes de familia, que se os deixaes entrar em casa, mesmo a embrulhar arroz, nem filhos, nem esposa, nem criados vos obedecem, porque elles apregoam a *guerra activa contra todo o principio de auctoridade.*

Horroroso!

Z.

SECÇÃO PARLAMENTAR

O Clero na camara dos deputados

II

(Veja-se a pag. 109 d'este vol.)

Discurso do R.º Sr. Santos Viegas, pronunciado na sessão de 26 de fevereiro ultimo

SNR. presidente, pedi a palavra, porque desejava fazer algumas perguntas ao snr. ministro da justiça, que vejo presente. Não têm essas perguntas caracter algum politico, mas traduzem um desejo apenas de advogar uma causa, que nomeadamente diz respeito a uma classe que represento n'esta casa.

Sabe o nobre ministro, e conhece a camara as circumstancias precarias em que se encontra o clero em geral, e sabe tambem, que leis ha diversas, que têm mandado proceder á confecção de uma lei especial, para a dotação do culto e clero. A ultima lei, de que me lembro, tem a data de 4 de abril de 1861, e n'ella preceitua-se terminantemente, que os bens dos conventos ou corporações religiosas sejam *exclusivamente* applicados, note bem a camara, *exclusivamente*

applicados, á dotação do culto e clero, lei essa que, comquanto exista e não esteja derogada, é todavia como se o estivesse, porque é letra morta.

As circumstancias são especialissimas para o clero; muitos parochos ha, que não têm os emolumentos proprios da sua párochia, ou ainda as congruas assignadas na lei, não podendo por isso satisfazer aos encargos, que a sua missão espiritual e de caridade lhes impõem, nem ainda occorrer ás necessidades da vida, porque lhes escasseiam completamente os meios. O decreto de 19 de setembro de 1836, conhecendo a urgente necessidade de atalhar este grande escandalo pondera no preambulo que, não tendo sido efficazes as medidas adoptadas para a sustentação dos parochos, que vivem pela maior parte na ultima indigencia e abandono, e não convinlo ao serviço da igreja e do estado que *isso grande escandalo* continue por mais tempo, etc., mandava proceder ao arbitramento e derrama das congruas. Esta providencia, porém, não atalhou o grande escandalo, como o decreto classifica o procedimento dos governos.

Desejo, pois, que o illustre ministro da justiça, pela illustração que o distingue, e pela nobreza de sentimentos, que o caracteriza, se digne dizer-me se porventura tem em vista melhorar a situação, aliás desgraçada, d'esta classe.

No exercicio de um direito, que lhe assiste, e no cumprimento de um dever, que lhe impende, proceda o nobre ministro na organização das dotações, não privando assim os pobres do obulo do sacerdote, não convertendo o parochos em mendigo, e não aggravando a miseria das nossas parochias ruraes inundadas pelas chuvas, e arruinadas pelo mau estado dos negocios geraes e em especial da agricultura pelo detestavel sistema da derrama.

Primeira pergunta.

Como consequencia d'esta minha pergunta, desejava fazer ainda uma outra a s. ex.ª, e é com relação á lei de 2 de dezembro de 1840, de que ultimamente se suscitara a observancia pela lei de 4 de junho de 1859, lei esta que se refere especialmente á circumscripção parochial.

Como v. ex.ª e a camara sabem, esta lei, pelas condições e pelas circumstancias em que devia ser cumprida, melhorava consideravelmente a sorte do clero parochial a que ha pouco me referi, por isso que da nova circumscripção parochial, madura e reflectidamente feita, resultaria o tornar-se independente, ou pelo menos mais satisfactorio o estado d'aquelles, cuja missão na terra é das mais augustas, porque não ha verdade moral ou civil, que não appareça n'esse livro que se chama Evangelho, e que elles devem ensinar pela palavra e pelo

exemplo, e para tanto precisam manter-se com decencia proporcional ao seu estado.

O nobre ministro não ignora de certo, que uma divisão territorial, systematicamente realisada, concorre necessariamente para a regularidade do serviço nas suas mais largas relações da administração, já na ordem civil, já na ordem religiosa.

Sabe tambem s. ex.ª que a circumscripção parochial é uma necessidade urgente, e digo que é uma necessidade urgente, porque como ella existe actualmente, obrigando os povos a sacrificios que muitas vezes não podem fazer, torna precarias as condições de vida, tanto do culto como do clero.

E' de urgencia que se attene a grande desigualdade que se encontra na actual divisão parochial, para que não succeda serem em muitas d'ellas apoucados os recursos, que mal chegam para as indispensaveis despezas do culto e de encargos adventicios.

Se o snr. ministro quizer iniciar no seu ministerio, como crelo, um systema de regularisação de serviços, tornando independente, pelo menos nas suas relações officiaes, ao administrador espiritual, o parochos, de certo presta bom serviço, que ha de ser tomado em conta por uma classe que não pôde deixar de merecer dos poderes publicos toda a consideração.

(Por falta de espaço continua no proximo n.º).

SECÇÃO LITTERARIA

Dolorosa

Tinha as sombras da pallida agonia, na enorme viuvez do allicto rosto. Fromper-lhe, nas azas do desgosto, a alma, para o ceu, nos parecia!

As debeis mãos torcia supplicantes, em convulsões dramaticas de dôr. Não achando piedade ao seu amor, dos olhos lhe caiam dois brilhantes.

«Oh Deus, por amarguras tão patentes, não te impallideceu a commoção?...»
diziam mães, ao ver-lhe o coração fendido por espadas refulgentes!...
Cintra.

Mattos Ferreira.

Na Soledade de Maria

Ao meu amigo P.º Antonio Fernandes Cardoso (Soeirinho)

Ai! Virgem, Virgem, eis teu Filho morto, E's sem conforto, só, ao pé da cruz; Nas vistas turvas já te falta o brilho, Morreu teu Filho, o nosso bom Jesus.

Ai! quem não sente o teu cruel martyrio!
Oh casto lirio, que estás já pendido,
Não, ninguém ha de tão cruel fereza;
E a natureza lança um gemido.

Quem pôde, vendo o teu viver penoso,
Lirio mimoso, não sentir tal pena?!
Astros da noite, que giraes no céu,
Lançai um véo sob esta triste scena.

Morreu Jesus, morreu o bom Jesus;
Só resta a cruz, ha só tristeza e dôr.
Tudo são lagrimas, tristeza e dô,
E a Virgem só e sem o seu Senhor.

Sinto rugir grande trovão medonho!
Ai! não é sonho, não é sonho, não.
Tremem os montes, em horror desfeitos,
Eis os effeitos da cruel traição.

Cebolla, 23-3-86.

P.º M. F. Neves.

Na confissão

Tinha bebido, em vão, palavras finas,
em labios confidentes, carminados,
e a tristura dos dias perturbados,
sentia, em ondas, redobrar moções.

«Senhor, eu venho ver, se tu me ensinas,
—supplica ao confessor— a meus cuidados,
os remedios santissimos, sagrados,
e o conforto das paginas divinas!...»

E austera, grandiosa, em tom dolente,
sentindo a voz tranquilla do pastor,
vibrar, no branco ouvido, doceemente:

«Meu Deus—exclama—emurchecida flôr,
a minh'alma resurg» á luz clemente,
nas palavras do velho confessor!...»
Cintra.

Matos Ferreira.

SECÇÃO ILLUSTRADA

I

O descimento da Cruz

DAMOS hoje cópia do formoso quadro de Rubens, trabalho de um valor verdadeiramente soberbo, e que é considerado como um dos melhores que saiu do pincel do grande artista. Foi pintado para a igreja de S. Walbruge, hoje arruinada, e por isso o esplendido quadro admira-se na cathedral d'Anvers, á entrada do côro.

Não carecemos de mais detalhes, porque a gravura dispensa-os, e para o que representa mandamos nossos leitores para o artigo *A Cruz*, publicado na primeira pagina do presente numero.

II

A cruz do ermo

E' cheia de poesia e devoção a primeira gravura do passado numero. E' a singela cruz, que no mundo se encontra nos carinhos e na aspereza das

serras, cruz que o povo singelo dos campos respeita e adora, com mais devoção do que nós o sabemos fazer, os filhos das cidades, que passamos por esse symbolo augusto da nossa religião sem o menor respeito, e contra que alçamos o camartelo destruidor, para que nos não incommode. Triste sorte a da cruz das cidades!

Não assim a cruz do ermo. O aldeão descobre-se ao passar junto d'ella e balbucia uma prece, e as creancinhas, mesmo em dia de nevada param diante do libano santo, e sorriem para a imagem adoravel de Jesus, como fazem as duas creanças que estão juntas na nossa gravura. Iam para a escola, ou a qualquer outra parte, mas, não passavam sem parar diante da Cruz, marco da civilisação, arvore frondente a cuja sombra todos se acolhem. Como é encantadora a expressão das duas creanças stando a imagem do Redemptor! Que santa innocencia, e que santa poesia a dos campos!

A segunda gravura do passado numero será descripta quando melhor reproduzida.

R.

SECÇÃO NECROLOGICA



Padre João Gonçalves da Cunha

(DA GUARDA)

FEIXOU de existir este respeitabilissimo sacerdote, assignante do *Progresso Catholico* desde a sua fundação, e sempre amigo incansavel e prompto para todos os trabalhos que tendessem para a sua prosperidade. Deveh muito a nossa Revista, e por isso a noticia da sua morte penalisara-nos acremente.

Que Nosso Senhor haja em sua santa guarda a alma do nosso bom amigo são os nossos desejos, e para isso rogamos a todos os nossos leitores façam subir ao céu uma prece como suffragio pela alma de quem fôra na terra amigo da verdade e da cruz.

Dr. Luiz José Baldy

(DE LISBOA)

Dera-nos ha dias o correio a triste nova da morte d'este nosso assignante, ha pouco ainda inscripto no livro dos assignantes da nossa Revista, mas nem por isso lhe faltarão as orações de todos nós, para que sua alma gose o descanso eterno.

Antonio do Amaral

(DA ILHA DO FAYAL)

Oremos ainda por este nosso irmão, riscado do numero dos leitores da nossa Revista, e peçamos ao Senhor que sua alma aura as felicidades da eterna bemaventurança, e se não esqueça de nós, que ainda cá ficamos a peregrinar na terra.

A's familias dos finados enviamos sentidos pezames.

RETROSPECTO DA QUINZENA

FESTIVEM em Guimarães, e visitaram o nosso escriptorio os nossos amigos e assignantes do *Progresso Catholico*, snrs. Padre Valentin José Barboza, Padre Manoel Lopes Pereira, e José Ribeiro, cuja visita muito agradecemos.

Concluíram no domingo 4 do corrente as conferencias quaresmaes, feitas no vasto templo de S. Francisco, pelo R.º Padre José Fernandes Guimarães, parcho da freguezia de S. Sebastião d'esta cidade.

O talentoso orador escolhera para assumpto das quatro conferencias as mais altas questões da actualidade, que desenvolveu com a mestria que lhe é propria.

Na 1.ª conferencia demonstrou a veracidade da religião catholica á face da civilisação, desenrolando o quadro barbaresco das éras antes de Christo, e provando que todos os adiantamentos, todos os progressos, todo esse caminhar progressivo da humanidade para a perfectibilidade, se operou depois que a luz da verdade raiara nas cumiadas do Golgotha.

Na 2.ª conferencia prova-nos que a igualdade, primeira conquista da Civilisação, fôra realisada pelo Christianismo, descrevendo-nos o que era a igualdade antes da Cruz ser lavada com o sangue de Jesus Christo, o que é a igualdade na época actual, onde impera o Evangelho, e o que ella será nas éras por vir, quando todos os povos tenham logar á sombra da Cruz.

Mostra-nos na 3.ª conferencia, a segunda conquista da civilisação christã —a liberdade, o que era ella antes do Christianismo, o que é depois, quando o homem, livre das peias da escravidão, applica todas as suas forças em se tornar livre pelo trabalho, pela virtude, pela obediencia ás leis. Mostra-nos o que é a liberdade da palavra, empregada ao bem da humanidade, e o que é a mesma palavra, quando, irrompendo dos labios dos inimigos da ordem, vae levantar as massas em ondas contra o direito, contra tudo que é santo e digno de respeito. Aprecia a liberdade de imprensa, verbera a imprensa que se desvia do fim

civilizador a que deve visar, condemna-a e aponta-a como o maior inimigo da Civilização.

A 4.ª e ultima conferencia é a franca e enérgica apologia da fraternidade—terceira conquista da civilização christã, operada pela caridade, pela abnegação e pelas virtudes dos apóstolos da luz, e a condemnação da fraternidade que se apregoa no campo onde se derroca a Cruz, onde o despotismo e as paixões ruins dominam os povos; e apresentamos, como consequencia de todos os desvarios do entendimento humano, o peccado em todas as suas phases, em todo o seu medonho caminhar para o aniquilamento das modernas sociedades.

Foi um novo triumpho alcançado pelo joven sacerdote, pelo que lhe damos entusiasticos parabens, não os negando tambem à illustrada e religiosa mesa da Veneravel Ordem 3.ª de S. Francisco pela boa escolha que fez, não envergonhando o pulpito onde tantas e tão alevantadas intelligencias tem feito ouvir-se.

No fim das conferencias percorreram as ruas da cidade a Imagem do Senhor dos Passos, em devota Via-Sacra, acompanhada pela mesa e irmãos terceiros, e por milhares de pessoas. Esta pratica antiquissima pôde parecer a muitos uma velharia que envergonha o seculo XIX; mas nós achamo-la muito digna de um povo verdadeiramente civilizado, e por isso nos alegramos ao ver milhares de pessoas, em pleno dia, nas praças mais publicas e mais espaçosas de Guimarães, prostradas de joelhos diante das capellas onde estão representados os passos da paixão do Redemptor. É soberbo então o quadro, e, diante d'elle, mais uma vez nos convencemos de que a Religião Catholica não é aposta aos mais arrojados vãos dos progressos materiaes. Não; por que osse povo que vemos ajoelhado na praça publica, e rezando pelas ruas, é o mesmo que já vimos em delirantes manifestações de publico regosijo, ao ouvir pela vez primeira o silvo da locomotiva, ás portas de Guimarães; é o mesmo que tambem vimos amontoar os productos da sua actividade manufactora n'uma exposição concelhia, que tanto honrara Guimarães.

É que Guimarães continuará sempre a ser grande, porque em seus filhos domina ainda o amor pela Religião e pelo trabalho, unicos motores que elevam os povos e que os tornam livres.

No proximo n.º fallaremos das conferencias na igreja dos Santos Passos, e das mais festividades da presente Quaresma.

Como devem saber já os nossos leitores, as festas por occasião da Consagração d'esta Archidiocese ao SS. Coração de Jesus, terão logar nos dias 14, 15 e 16 do proximo mez de maio. A cidade

dos Arcebispos prepara-se para celebrar dignamente um tal acontecimento, não se poupando a commissão, presidida por S. Ex.ª R.ª o Snr. Arcebispo Primaz, para que esta solemnidade seja em tudo digna do Sagrado Coração do nosso Salvador.

Projecta-se imponentissima festa na vetusta Sé Primacial, e esplendida processão, e mais nos consta que os pregaçãoes nos tres dias serão os mais afamados.

D'entre as offertas para as despesas de tão grandiosa festividade, destaca-se uma de 50\$000 réis, do snr. commendador Fulgencio, o mesmo que ha pouco offertou à Virgem da Madre de Deus, d'esta cidade um rico pavilhão para o Sacrario, e uma formosissima banquetta, que alli admiramos por occasião da festa de S. José no dia 19 do passado março.

É de esperar que os povos de toda a Archidiocese concorram a Braga em grande numero, e que a noticia das festas echoe em todo o mundo catholico como fez echo a noticia das que ha pouco se fizeram em honra tambem do Sagrado Coração de Jesus, na capital do Equador.

Varios jornaes tem publicado a noticia de que por graça concedida por Sua Santidade o Papa Leão XIII, ao Ex.ª Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, vão partir para Roma, a fim de concluir a sua educação ecclesiastica dois alumnos do Seminario Patriarchal, de Santarem. Os esperançosos estudantes que a expensas do Papa vão estudar nas Academias Romanas, são os snrs. Ernesto Adolpho Pinto de Castro Teixeira Guedes, e Francisco Ernesto Xavier Rodrigues, a quem damos nil parabens, muito principalmente ao primeiro, que temos a gloria de contar no numero dos assignantes da nossa Revista.

É o segundo assignante do *Progresso Catholico*, que vae a Roma estudar a expensas do Santo Padre. Foi o primeiro o actual Vice-Reitor do Seminario do Porto, o Ex.ª e R.ª Snr. Dr. Theotónio Manoel Ribeiro Vieira de Castro, que já era assignante e amigo do nosso *Progresso*, quando seminarista, continuando a selo durante a estada em Roma e agora.

Uns orgulhosos, uns homens faltos de caridade, costumados só á vida regalada gozada nos seus paços, uns crueis, estes bispos, estes apóstolos da mandriice. Querem saber o que um d'esses Bispos acaba de praticar? Leiam o seguinte:

«O jornal hespanhol *El Resumen*, narra que o Arcebispo de Granada ia na sua carruagem, n'um d'estes dias, pelo caminho de Huétor, quando viu acercar-se da portinhola uma pobre velha que seguia para Granada, mendigando pelo caminho.

O digno prelado fez parar a carrua-

gem, interrogou a infeliz sobre a sua situação e como já fosse noite e a mulher tivesse frio e fome, o Arcebispo apeou-se e depois de soccorrer a pobre velha, fel-a subir para a sua carruagem e mandou-a levar a casa.

O bondoso sacerdote regressou a pé a Granada.»

Sempre tem partidas os carolas dos Bispos! Ora vejam lá se um espirito que fosse... pelo menos... forte, descia á pratica de uma tal *putifaria!*

A Belgica está passando por uma crise das mais terriveis, das mais assustadoras, das que mostram o atraso de um povo. As *greves* repetem-se por toda a parte, os homens que não querem trabalhar formam ondas revoltosas e ameaçam submergir tudo sob o seu peso. A força publica tenta reprimir a revolta, descargas de fusilaria prostram por terra varios operarios revoltados, mas a desordem continua. O facho incendiario passeia sinistro por toda a parte. Os palacios vão envoltos em chammas e o terror espalha-se por um povo que devera cuidar do seu trabalho.

É o seculo XIX retrocedendo aos tempos de Nero, é a estrella da civilização a eclipsar-se!

E, a final, depois de acalmadas as ondas revoltas do povo, quando voltarem os operarios ao seu trabalho, qual será o quadro da Belgica? quem será o mais desgraçado? Infelizmente todas as desgraças cairão sobre o pobre povo, sobre o artista honrado, que verá a mulher do seu companheiro viuva e em lucta com a fome, porque o marido foi dos que pereceu na lucta; terá de lastimar os filhinhos do outro seu companheiro, que não tem pae, e tem fome.

Morreu a condessa de Chambord, viuva de Henrique V, de França, deixando uma fortuna de perto de 50 milhões, que serão repartidos por D. Carlos, de Hespanha, e seu irmão D. Afonso.

Perda irreparavel foi esta para os povos que circuitavam o palacio da finada princeza, porque a sua grande fortuna era por elles distribuida, pelo que lhe não faltará a recompensa na eterna bem-aventurança.

O deputado por Mafra, o snr. Germano de Sequeira, lastimou na camara que o governo mandasse retirar os operarios que trabalhavam no convento de Mafra, ficando paradas as obras, que alli se faziam. O illustre deputado lamenta que o governo deixe cair um monumento nacional de tanta importancia, e faz ao governo varias considerações. Lastimamos tambem a deliberação do governo, sem que nos admire, porque o mosteiro de Mafra recorda o fanatico rei D. João V, e recorda tambem os frades, e por tanto

é necessario fazel-o desaparecer em nome da liberdade.

Não se deve brincar com cousas sérias, porque são falaes uns taes brincujos, como prova o seguinte facto, que encontramos n'um jornal hespanhol:

Entre uma numerosa cavalgada que percorria as ruas de Gracia, no domingo do Carnaval, divisava-se uma carroagem levando um esqueleto abraçado a um joven da sociedade *La Banya*. Poucas horas depois de recolhida a mascarada, o joven que o esqueleto abraçava era cadaver, facto este que tem causado a admiração dos habitantes da mencionada villa.

E' mau, repetimos, brincar com cousas sérias.

A seguinte carta, que agradecemos ao nosso bondoso amigo signatario da mesma, dá uma idéa do quanto pôde a boa vontade, o zelo e a dedicação quando postas ao serviço das cousas grandes e dignas.

Leia-se, e sirva sua leitura de estimulo para todos.

«*Ill.ºm Sr.*

Levado por sentimentos religiosos desejava, que visse a luz da publicidade um facto d'alguma importancia para a religião christã, que n'esta epoca vae passando por novas provas: e factos d'estes e outros identicos veem por seu lado dar conforto ao coração do verdadeiro crente, magoado com tantos ultrajes feitos a Jesus Christo pela impiedade. Contanto com a benevolencia de V. S.ª que hade desculpar e emendar meus erros, digne-se annunciar no seu mui acreditado jornal=*O Progresso Catholico*,=columna luminosa no meio d'esta sociedade tão corrupta, o seguinte:—Chegado a esta povoação de Mariinhaes da freguezia de Muges, concelho de Salvaterra de Magos, no anno de 1884 para n'ella ser capellão, encontrei uma capella de acanhadas dimensões, onde disse a primeira missa no dia do Nascimento de N. S. Jesus Christo: observei que era pequena em attenção ao numero de fleis que ali concorriam ao Santo Sacrificio, pois que não compo-
tava a vigesima parte, dando isto occasião a que nem uns nem outros ouvissem missa com a devida attenção e respeito. Esta povoação que hoje conta approximadamente tresentos fogos, começou a ser habitada ha trinta annos, sendo até ahí uma charneca medonha e inacessivel. Vi que seus habitantes eram muito religiosos, que já tinham instituida a associação da liga do Sagrado Coração de Jesus, fructo benefico das missões; pois que havia quatro annos, dois missionarios aqui tinham vindo instruir estes fleis nas verdades santas do Christianismo e confirmal-os na fé.

Attendendo a tudo isto, era de maxima conveniencia tornar a capella mais espaçosa, afim de comprehender todos os fleis d'esta localidade: mas era uma empresa bastante arrojada, por faltarem fundos de que se lançasse mão, contando apenas com a caridade publica, a não vir em nosso auxilio um braço real. Meditava isto quando apparece um fleil d'esta povoação com uma feliz lembrança, «que só podia valer-nos n'esta conjunctura a Ex.ª Sr.ª Duqueza do Cadaval, porque era uma senhora possuidora de grandes bens n'esta freguezia, alem de em muitas outras e em maior escala, e dotada em gráo sublime de nobres sentimentos religiosos, incançavel em promover a honra de Deus e o bem da humanidade, no que applicava grande parte de sua fortuna; por isso mesmo que já em uma das povoações d'esta freguezia, a Gloria, tinha reedificado uma capella, que deixaria de existir sem a sua protecção». Dito isto, levou-nos a ousadia a ponto de fazermos subir às mãos da dita senhora um requerimento acompanhado da planta da capella a pedir uma esmola, a que tão nobre senhora se dignou attender; porque na conformidade das ordens, que recebeu o seu dignissimo representante em Muges, o Ill.ºm Sr. José de Souza Teixeira, offereceu em nome da Ex.ª Sr.ª a avultada esmola de 500\$000 réis. Para dar a devida applicação a este dinheiro, e a mais algumas esmolos, foi eleita pelo povo uma commissão, composta do Rev.ºm Sr. Luiz Pereira da Silva, dos Srs. Manoel Francisco Catarro, João Luiz da Silveira, Sebastião José João, e do humilde assignante d'estas linhas. Foram lançados os alicerces da nova capella no mez de agosto do anno preterito, e foi concluida nos principios do mez de fevereiro do corrente anno, ficando o corpo com dezeseis metros de comprido por nove de largo e seis d'alto; aproveitandose com algumas modificações a antiga capella para capella mór.—*Despeza*: Gastou-se em construcção e material a quantia de 1:169\$540 réis, ficando com tres altares muito simples.—*Receita*: Esmola da Ex.ª Sr.ª Duqueza 500\$000 réis, a povoação deu a quantia de 257\$900 réis, a Villa de Salvaterra de Magos deu tambem por meio d'uma subscripção a quantia de 29\$640 réis, havia mais a quantia de 132\$000 réis que esta povoação tinha recebido por occasião de eleições. Ficou portanto a commissão encarregada da obra empenhada em 250\$000 réis: mas confiamos na Providencia Divina que nos hade reparar almas generosas, verdadeiramente Christãs, para nos livrar d'este onus.

A festa de abertura e benção da nova capella celebrou-se no dia quatorze de fevereiro proximo preterito; no mesmo dia houve a festividade de S. Miguel,

Padroeiro d'esta capella por não poder ter logar no seu dia. Ao Evangelho subiu ao pulpito o Ill.ºm e Rev.ºm Sr. Prior de Salvaterra de Magos, que apresentou um discurso primoroso; fallou das virtudes do Archanjo, e da solemnidade da abertura com muita proficiencia, que nada deixou a desejar, ficando o auditorio plenamente satisfeito. A missa foi acompanhada a instrumental pela phylarmonica de Salvaterra, que fechou esta solemnidade com chave de ouro. Com a publicação d'estas linhas ficar-lhe-ha summamente grato o que é de V. S.ª att.º vrd.ºr e humilde servo P.º Antonio Peixoto do Amaral.—Mariinhaes 18 de março de 1886.

Chamamos a attenção dos leitores para o annuncio da BIBLIOTHECA DAS FAMILIAS CATHOLICAS, que em outro logar publicamos.

Só tarde nos chegou a noticia da festividade com que os povos da freguezia de S. Romão, de Armamar, celebraram e honraram o SS. Coração de Jesus, no dia 21 de fevereiro passado.

A igreja estava muito bem decorada, a musica saíra-se admiravelmente, e os oradores que foram os R.ºm Srs. Conego Sequeira, de Lamego, e Padre Antonio Thomaz Alves, satisfizeram tanto os numerosos auditorios, que todos se davam os parabens pela boa escolha.

No dia da festa, depois da missa teve lugar uma imponente communhão geral, confortando-se com o pão celeste mais de 300 pessoas. A's onze horas principiou a festa ao Sagrado Coração, depois da festa a consagração dos zeladores e zeladoras. Sahiu depois em apparatosa procissão, o SS. Sacramento, que foi sempre acompanhado por numeroso concurso de fleis. Festa foi esta que, deixando contentissimos os povos de S. Romão, de Armamar, lhe deixou tambem saudosas recordações, e por isso nós damos a todos mil parabens, agradecendo em nome da causa catholica a todos que concorreram por qualquer forma para a realisação de tão santo pensamento, e esperamos poder no anno proximo, registrar nas columnas da nossa Revista a reproducção de uma festa que, honrando e louvando o Santissimo Coração de Nosso Senhor Jesus Christo, serve tambem de inflamar todos os corações no amor que devemos ter para com o nosso divino Salvador.

Ao nosso bondoso leitor que nos deu a noticia que ahí fica enviamos os nossos agradecimentos, pedindo que se não esqueça de sempre nos communicar qualquer acontecimento feito em honra de Deus e da sua Igreja.

J. de Freitas.